



*Desejamos
a todos um
feliz natal
e um 2004
repleto de
novidades*



EXPEDIENTE

Editor Geral: Matias Perazoli
Diagramação: Emerson Magalhães
Distribuição: Humberto Fimiani

Somnium é a publicação oficial do Clube de Ficção Científica - CLFC. Todos aqueles que acham que podem contribuir com algum material para o *Somnium* ou com sugestões/críticas sobre o mesmo, tomem a liberdade de contatar por e-mail ou por carta o editor geral. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. O *Somnium* está aberto à recepção de contos de autores novos e veteranos, amadores e profissionais, humanos e alienígenas, que serão apreciados com vistas à publicação. O fato de publicar contos e noveletas no *Somnium* não é obstáculo algum para que estes mesmos contos e noveletas apareçam meses mais tarde nas páginas das revistas profissionais. Solicitamos também aos leitores do *Somnium* que comentem os contos publicados na edição anterior do fanzine. Data desta edição: 12/2003.

Correspondência:
CLFC - Clube de Leitores
de Ficção Científica
Caixa Postal 2105
CEP 01060-970
São Paulo-SP
E-mail:
somnium@uol.com.br
Home:
<http://www.clfc.rg3.net>

SOMNIUM

88

PUBLICAÇÃO OFICIAL DO
Clube de Leitores de Ficção Científica

DEZEMBRO 2003



RETA NO ESPAÇO CURVO

ANDRÉ CARNEIRO

andrecarneiro77@hotmail.com

Mandaram o raio quanticamente reto no espaço curvo. Um dardo didático, uma forma de transmitir imediatamente a cultura de vinte mil anos de 485 dias, (sua órbita ao redor da estrela era um pouco mais larga do que a nossa). Havia informação em um micron da linha invisível, mais do que na soma de todas as nossas bibliotecas, (incluindo a de Alexandria). Os destinatários estavam a centenas de anos luz. Os emissores sabiam que a radionda supostamente reta no círculo do universo, passaria perto de um habitado terceiro planeta de um sol de quinta grandeza, no braço que chamavam de Orion. Primitivos, não mereciam ainda aquele pré-primário cósmico, só enviado aos que tivessem feito contato com dez planetas alienígenas, sem nenhuma violência. Sabiam quase tudo o que acontecia nesta pequena galáxia, o exato instante da Nova explodindo, ou a inevitável trajetória do planeta engolido em negras profundezas de um buraco imenso. Só um pequeno imprevisível fato não ficou marcado, uma explosão solar na estrela de quinta grandeza, tocando meio micron da reta trajetória do raio, desviando algumas iônicas vibrações, a deslizar perdidas na camada de oxigênio, estilhaço microscópico que ficou para trás, a planar sobre multidões aflitas a disputar terrenos, a fabricar artefatos e venenos, levantar casas de cimento no chão limpo das florestas assassinadas. Foi estranho o mergulho nas hertzianas ondas confusas das imagens, gritos, coitos, cantos e bocas entreabertas na algaravia das línguas diversas e os partos entre balas e promessas, crianças grudadas nos peitos e o trêmulo fragmento extraviado do raio, com mais discernimento do que o bando de iludidos proprietários, sobre as placas tectônicas ainda se ajustando lentamente às construções dos terráqueos. A tiquiônica partícula cortou rajadas de neve e o calor das areias nos desertos, foi colecionando latitudes, passando em revista a mente ansiosa de milhões de animais aquáticos, voadores e permaltas, donos dos códigos, armas e decretos. Tinha de habitar alguém, não importava o sexo e se aninhar no D. N. A. ainda fresco das lembranças de peixes, lagartos e mamíferos saltadores de árvores agora transformadas no líquido combustível dos veículos.

A tiquiônica vibração penetrou um belo útero cor de rosa, cercado por gemido tenso, seu conteúdo perplexo em sair do leito aquático para enfrentar o ar contaminado dos berçários. Primatas, evoluídos, vestidos de branco, manchados de vermelho, cortaram o confortável cordão do alimento pronto, na temperatura exata medida pelos obstetras. Quando o menino chorou bem alto seu inútil protesto, já começava a tomar conta da sua memória quase inteiramente disponível, uma longa história de séculos, o bebê sorriu, fechou os olhos e se divertiu com a saga dos marsupiais religiosos do planeta W.632, descoberto por um velho astrônomo e catalogado como de menor importância. Quando lhe deram um lindo seio branco, ele sentiu um perfume de mulher e gostou. Sabia que podia chupa-lo sem receio das proibições entrevistas no futuro.

A vaidade pode ser mais poderosa do que a sabedoria. O menino recém-nascido, quando a enfermeira, no segundo dia, o estava trocando, resolveu experimentar a primitiva linguagem alfabética oralmente usada naquela região deste terceiro planeta. Disse, ainda meio rouco pela falta de prática:

Você não poderia ser mais delicada ?

A enfermeira olhou para ele, que sorriu, e sabia perfeitamente como acionar vinte e quatro músculos do rosto para esboçar o que se chamava "um sorriso irônico".

A enfermeira, aterrorizada, abriu os braços, ele tombou no colchão macio, felizmente. Ela saiu correndo gritando coisas ininteligíveis. Quando sua chefe e um médico perguntaram o que acontecera, ela contou. Todos foram até o berço, acompanhados pelo choro dos bebês assustados com a correria. O menino continuava sorrindo ironicamente, mas só por dentro. Estava com o rosto inocente das almas ainda frescas do paraíso. Sua primeira gafe foi uma definitiva lição. Bebês terráqueos devem ser desamparados como todos os bebês humanos. Os adultos disfarçam. O médico e a enfermeira chefe deram três dias de folga para a enfermeira, devia estar exausta de trabalho, passara a noite toda substituindo uma colega. Papai e mamãe já estavam de saída, felizes de levar Orion para casa. Ele mesmo escolhera este nome, curto e fácil e o introduzira na mente da mãe. Sabia mais de bebês do que o médico chefe da clínica onde nascera. Representava com perfeição, era divertido provocar típicas reações, ouvir a mãe a sacudi-lo:

Fiiinho, fiiinho, di pa mamã si ocê góta memo déia, di pa mamã...

Ele ria, imaginando que, se respondesse, a mãe desmaiaria. É fascinante brincar de bebê, acompanhar com o dedo manchado de

leite, a trajetória absurda da mosca de olhos penetrantes, saber das trinta e duas entradas de cupim no armário das fraldas e sentir o perfume ainda forte de esperma escondido pelo impecável avental branco da enfermeira Virgínia, de olheiras cinzentas e dedos experientes percorrendo axilas, nádegas e coxas, com os olhos fechados, pensando no terceiro sargento, uniforme completo na cadeira velha do motel, na esquina da maternidade.

Quanto mais teórico um conhecimento, mais extraordinário experimenta-lo na prática, cavalgar neurônios a explodir sinapses, acompanhar o ar dos pulmões formando as palavras, cortina, ocultando pensamentos ditos vergonhosos. Orion não tinha nenhuma pressa. Um cientista dissera que, em meio metro quadrado de um jardim, há matéria suficiente para preencher uma vida inteira de estudo e pesquisa. Demorou muito para falar. O silêncio é mais divertido. A mãe o levou ao pediatra, que o manipulou cuidadosamente, achou que era um provável retardado mental, mas não foi tolo de informar a mãe:

Tudo bem, tudo normal, há crianças que só falam com três, até quatro anos. Recomendo que a senhora pronuncie claramente, não imite a pronúncia errada das crianças, não use diminutivos. As vezes a linguagem “engraçadinha” das crianças é aprendida com adultos, mesmo que saiba falar “quero água”, fala “queio aua”, obtém mais sucesso, todos acham maravilhoso.

Dona Gerenciana, que chamavam de Ana ou Donana. ouvia, admirada, ela sempre imaginou que a linguagem errada das crianças era trazida do paraíso, os anjos falavam daquele jeito. Não iria fazer diferente com Orion, que começou, logo depois, a balbuciar “gugu, dada” as vezes com sotaque inexplicável. Orion imitava os lindos bebês Boquinamos da Nova Zelândia, mil anos atrás. A mãe acompanhava obrigatoriamente a sua evolução, era uma típica dona de casa, o pai, senhor Costa, Zoroastro da Costa, com prenome que detestava, sentia-se bastante orgulhoso do seu papel de chefe da família. Jamais permitiria que sua mulher trabalhasse, fosse expor em ambiente cheio de homens suas ancas perfeitas, ou talvez com algumas polegadas a mais, que ele não admitia. Gostava discretamente do filho único, embora lá bem no fundo (Orion sabia) tivesse ciúmes daquele outro homem a lhe roubar as atenções da mulher. As vizinhas e comadres com filhos, sempre exibiam e narravam as geniais proezas dos seus rebentos. Donana tinha de inventar. Orion era tão calado, sorria de um jeito esquisito, ela não sabia como definir, parecia que caçoava dela, imagine, um bebê que só agora aprendia a andar, não podia caçoar de ninguém. As vizinhas achavam Orion estranho, uma delas, que adorava sacudir crianças como se fosse joga-las fora e sempre avisava “eles sabem que eu estou brincando”, fez o mesmo com Orion e recebeu um beliscão no mamilo direito que a fez gritar de dor. Nunca ela poderia supor que uma

criança tivesse tanta força nos dedos. Quando Orion a via, falava bem alto: “gugu, dada”, com sotaque neozelandês e sorria o sorriso da Gioconda, de quem a vizinha jamais ouvira falar.

Uma outra, dessas maldosas que apontam defeitos fingindo ajudar, disse que Orion precisava de tratamento e que só falava “gugu dada”. Donana, odiando, agradeceu. O pediatra bateu um martelinho no joelho, fez todos os testes aprendidos na faculdade, mas tinha esquecido o que significava esta ou aquela reação. Também não gostou de Orion lhe ter dado um tapa no rosto que fez saltar longe os óculos. Seu diagnóstico com palavras técnicas Donana não entendeu e ela ficaria consolada se soubesse que ele também não. No táxi, voltando para casa, abraçou Orion com força, falou bem perto de sua orelha:

Ce góta da mãe ?

Orion, bem devagar, baixinho, colado no ouvido dela, disse:

- Orion gosta da mamãe.

Donana quase fez como a enfermeira do berçário, abriu os braços e Orion cairia se, prudentemente, não tivesse se agarrado no pescoço da mãe.

Ele ficou com pena dela, deixou de falar “gugu dada” com sotaque neozelandês e já em casa, apontou a talha de louça e disse “água”. Ela não esperou o Costa chegar em casa, telefonou, dizendo que o Orion estava falando. Ele se espantou, ela explicou que o médico tinha feito... tentou repetir, mas foi impossível. Também o marido não estava muito interessado nesses assuntos menores, ambos pouco estranharam nos dias seguintes os progressos surpreendentes de Orion, certamente devidos aos métodos do médico, que fez... bem, não deu para explicar.

Pelo gosto de Orion, ele ficaria muito mais tempo naquela divertida vida de bebê, afinal, cada coisa a mais insignificante era novidade, pegar, jogar. lamber, conferir serventias. Mas não podia abusar. Adultos implicam com crianças fora do tempo, retardadas ou adiantadas de mais. Já estava cansado de ouvir:

Puxa, como ele é alto para a idade. Ele já faz cocô sozinho?

Faço, sua cretina e o que você tem a ver com isso? (evidentemente ele só pensava, não respondia)

No curso primário Orion perdeu sua imunidade de bebê. Aprendeu muito rapidamente que esta terra, isto é, os evoluídos

macacos enfeitados com gravatas, demorariam (séculos?) para contatar dez planetas habitados sem nenhuma violência. Orion olhava as canelas machucadas pelos pontapés dos coleguinhos nas brincadeiras do recreio. Ele não revidava, não conseguiria. Podia adivinhar quem bateria, passou a colocar sua perna de tal maneira que o menino tombava sem saber porque. Nas horas de estudo, ficava na classe olhando para a frente, não ouvia uma palavra do professor, mas quando eles perguntavam quem ganhara a batalha de Waterloo ele começava uma descrição de quem teria visto um filme a respeito, com detalhes e até pensamentos dos personagens. Logo percebia que não podia ser tão eficiente e acrescentava enormes tolices. Essas contradições irritavam os professores, ele recebia notas apenas regulares. Nas provas escritas, era acusado de ter copiado de algum papel oculto, a célebre "cola". Orion habilmente escondia tudo isso dos pais. Elogiava a escola e os professores e era absolutamente sincero. Tinha problemas com a leitura. Com dois anos lia correntemente, embora não tivesse força para segurar um livro. Disfarçava muito bem com revistas. Chorava até que lhe dessem algumas e as folheava quase rasgando, quando era observado. A mãe contava para os vizinhos que o via de longe fingindo que lia, ficava um tempo enorme só olhando os textos. Tinham pena dela, era evidente, ele era anormal, uma criança não olha textos, olha figuras. Na escola os livros de estudo terminava de ler no dia em que os recebia. Seu refúgio predileto era a biblioteca, pouco freqüentada. Pegava uma revista de quadrinhos, para disfarçar, depois corria as prateleiras e absorvia cada página em um segundo. Um professor, uma ocasião, tirou de sua mão um livro de filosofia no original grego. Perguntou porque pegara o livro. Orion, com cara de débil mental, disse acompanhar um bichinho andando pela lombada. O professor aproveitou para explicar a importância da civilização grega, da língua grega, (que ele não conhecia) e disse a Orion respeitar a instituição do livro, que jamais tocasse em um que não pudesse ler. Orion disse:

É exatamente o que eu faço.

O professor balançou a cabeça e saiu resmungando que aquele idiota nada entendera do seu discurso.

Repetiu um ano do primário. Desculpou-se com os pais, mas não podia perder a felicidade daquela vida maravilhosa junto com as formigas.

Havia um enorme formigueiro no maltratado jardim da escola. Orion, de cócoras, ficava olhando a fileira das formigas e aquela eficiente e instigante linguagem das antenas esfregadas no corpo das companheiras, com os excitantes odores trocados Aquilo sim, era uma lição de casa que valia a pena. Foi organizando mentalmente cada toque, cada tempo e as repetições. Daí a poucos

dias ele ria, sozinho, já sabia onde havia os arbustos mais apropriados para a plantação de fungos, nas cavernas úmidas a metros abaixo do solo. Orion mexia com os dedos, repetia ou ordenava, como um maestro, qual mensagem estavam passando uma para a outra. Ele tinha de guardar tudo isso para si mesmo. Nelinha, doze anos, simpaticava com ele. Tentou ensinar a ela alguns dos toques mais simples das saúvas do jardim. Quando uma professora veio correndo a perguntar "o que ele estava fazendo", Orion disse que repetia o gesto das formigas. Os três foram para o gabinete do diretor. O interrogatório era todo repleto de maliciosa suspeita. Aqueles toques de saúva macho não enganavam um diretor severo, religioso, experiente. Orion dava respostas tão diretas, repetia os toques, seus olhos não se desviavam dos olhos do diretor, este acabou convencido de que ele, como já ouvira comentar, era retardado, devia estar mesmo interessado nas formigas e nem observara os seios desabrochantes da Nelinha, nem sua promissora cintura de "tanajura". Orion saiu absolvido pelo diretor, mas sua pequena aula da linguagem das formigas não fôra tão inocente. Alguns toques acariciantes em Nelinha, outros a deslizar comprometiam a mensagem, mas Orion sentia melhor aquela carne morna, os feromônios dançando no ar com um perfume de mato. Ele sabia que ela jamais iria usar a lição incorreta com alguma formiga. O rosto sincero de Orion vinha da sua longa prática em anos de bebê inocente.

Cada gesto humano mascara ou exprime o desejo de poder, domínio, desejo. Ser mais do que os outros é a meta, disfarçada. Lentos em nossa evolução, estacionamos bem antes dos tempos das cavernas. Só os botões da tecnologia evoluíram, são melhores cada dia, até estão desaparecendo, a orgulhosa voz humana vai substituí-los. O único terráqueo, fascinado pelo papel de parecer e viver dentro da mediocridade geral, era Orion, sentindo-se feliz com suas aparentes derrotas diárias entre as formigas humanas. É mais fácil bancar o inteligente, de vez em quando, do que de idiota, permanentemente.

Como entender a dificuldade de alguém fingir uma deficiência, se for genialmente acima do nosso nível? É fácil distinguir diferenças de capacidade mental. É muito grande a distância entre o aluno de cabeça dura e um professor brilhante, dono de vasta sabedoria. Temos pena dos debilóides e admiramos os gênios. Mas, para Orion, Einstein e o professor a lhe dar conselhos sobre o grego que desconhecia, eram a mesma coisa. Percebe-se a diferença entre a criança do primário e um professor catedrático. Um colegial estudante de física não teria possibilidade de acompanhar uma aula de Heisenberg. Para Orion o nível deles todos era igual. Milhares de anos na frente punha eruditos e ignorantes na mesma classe.

A vaidade de saber mais do que os outros desaparece quando as diferenças crescem. Inútil discutir com um cão inteligente, supondo-se conhecer a língua dos latidos. Crianças não disputam lutas marciais com atletas adultos. Orion vivia no meio de crianças mentais, impossível explicar a eletrônica para bebês. Como discorrer sobre a filosofia e religião de alguns planetas habitados, quando os terráqueos ainda os desconheciam?

Orion se interessava mais por psicóticos. Os chamados normais, são repletos de condicionamentos e limitações. Mudava de emprego seguidamente e preferia os mais elementares e humildes. Os pais lamentavam sua falta de ambição. Ajudante de cozinheiro no Hospício Municipal, agora com o nome mais tranquilizador de Instituto Neurológico, gostava de se aproximar, nas horas vagas, de um antigo paciente catalogado como catatônico. Ele sentava-se de frente para um muro durante horas. Orion ficava a seu lado, as vezes fazia perguntas.

- O que é o buraco, que engole?

O louco parecia não ouvir, fazia gestos, Orion achava que alguns ele aprendera com as formigas, eram exatamente iguais, significavam alguma coisa. Falava para uma platéia invisível:

O verme faz o buraco, mas não é negro, nem branco. O relógio engole o tempo (mostrava no pulso um relógio parado). O mundo inteiro esta aqui. (fazia um círculo no muro). Entro no buraco do verme.

Ficava mais tempo em silêncio, os olhos acompanhando a leve sombra do sol nas reentrâncias da velha parede.

Quando precisava se recolher parecia irritado de abandonar a sua pesquisa. Para Orion aquelas observações tinham um sentido, mas ninguém seria capaz de compreender, nem o catatônico, embora estivesse no caminho correto.

Os poetas descobriram há muito tempo que amor é feito de ilusão e o sexo a explosão, sempre renovada. Desde a adolescência, Orion tinha conhecido muitas mulheres. Aliás o verbo conhecer antigamente era usado para, delicadamente, exprimir que elas partilharam da sua cama. Um bom analista se habitua a observar e interpretar cada palavra, entonação, gesto e atitude das mulheres. A maioria dos homens não se importa com isso. Mergulham na ilusão, sonham fantasias, até um momento em que elas não se sustentam. Orion não analisava as formigas, não era necessário. Cada gesto, cada franzir, eram discursos em voz alta para a sua percepção. Gostava das mulheres, afinal ele era um terráqueo, só a sua

organização mental extrapolava os nossos limites. Não podia se apaixonar. Enquanto distraidamente pensava no sexo como é feito no planeta w250, onde cada macho e cada fêmea possuem um mínimo de três clones participantes, sua amante descrevia a nova moda das saias furadas, ou por que ele não fazia um curso à noite para melhorar de emprego. Havia uma curta, porem maravilhosa compensação. Desde que a curva do orgasmo ultrapassava aquele ponto onde se congelam os pensamentos e o corpo levita no prazer supremo, naqueles instantes, (que ele sabia multiplicar muito bem), era um terráqueo feliz, legítimo sucessor dos primatas endireitando a coluna vertebral para enxergar pelo alto os pobres mamíferos que seriam domesticados ou encerrados nos zoológicos, para as crianças jogarem pipocas por cima das telas de segurança.

Orion se espantava como os problemas do planeta terra chegavam a limites que poderiam acarretar destruição total da humanidade.

Cientistas, eventualmente, mostravam os perigos. Locutores da televisão liam terríveis prognósticos e logo notícias do futebol, eleições, trânsito, etc., o provável fim do mundo se perdia no meio dos fatos cotidianos, nenhuma manchete de jornal ocupava a atenção do leitor mais do que poucos minutos. Se um cientista louco conseguisse transformar em som, o conjunto de bilhões de mensagens faladas e gritadas pelas ondas hertzianas, a humanidade ficaria surda, todos os animais com audição morreriam.

Orion comprovou que não era obviamente fácil pegar dois finos gravetos, do mesmo diâmetro das antenas de uma formiga, ajoelhar-se diante da discreta entrada do formigueiro, escolher uma formiga mais inteligente, toca-la com a exata pressão exigida, para transmitir a complicada mensagem de que um maldito deus perna se aproximava com um litro de formicida para matar a rainha e todos os bravos súditos daquela vegetariana nação pacífica, só ocupada com a própria sobrevivência.

Em uma revista especializada, um cientista propunha um novo processo para reduzir, até eliminar o buraco de ozônio. Orion achou a idéia central correta, só havia erros nas equações propostas. Não era difícil acertá-las. Escreveu uma carta manuscrita para a revista com as equações corrigidas. O encarregado daquela seção que se chamava: "Salvando o planeta", era um pretensioso professor de física. Achara a proposta irrealizável e a carta de Orion com as corrigendas foi lida até a metade, antes de ser jogada no lixo. A palavra lixo também ameaçava a vida do terceiro planeta. No último século todos os especialistas em vendas e propaganda foram aumentando e sofisticando as embalagens. Nos produtos pequenos seus envoltórios, com a didática literatura explicando como usá-los,

às vezes pesavam várias vezes o próprio artigo. Países do primeiro mundo, na ânsia de reciclagem, organizaram dez ou mais recipientes diversos, para as sobras, jogadas fora. Os milhões de toneladas eram enterrados e quando insuportáveis pela extensão, matando a fertilidade da terra, envenenando o lençol freático, simplesmente mudavam de local e o mesmo processo suicida continuava. Na cidade de Orion, um proprietário alugara um vale da sua propriedade, ilegalmente, para depósito de químicos produtos residuais. O vale desapareceu, já era uma planície, superficialmente coberta por uma camada de terra. Poços artesianos e mesmo os comuns de pouca profundidade, bem distantes do aterro, começaram a provocar doenças. Não foi difícil chegar até o motivo do desastre. Substâncias químicas se combinaram dezenas de metros abaixo da terra. Um líquido oleoso, que exames nem conseguiam identificar, brotava da terra, um nevoeiro quase invisível atacava os pulmões de quem se aproximava. Fazia tempos que as multinacionais tinham abandonado aquele local e fingiam ignorar as substâncias acumuladas. O nevoeiro, impossível de ser contido, alcançava a cidade quando o vento soprava na direção e os doentes, de um mal não identificado, lotavam os hospitais, com várias mortes. Em semanas o caso teve repercussão internacional, vieram especialistas para controlar o desastre. Medidas conciliatórias urgentes, despejaram toneladas de terra no local, tentaram revirar a terra, acrescentar um produto que anulasse a reação, houve esperanças, algumas melhoras, mas o nevoeiro mortal recomeçava sempre mais forte, o que exigiu a retirada dos habitantes próximos. Orion leu um relatório das substâncias retiradas do aterro, algumas radioativas que nenhuma indústria admitia ter depositado.

Não foi difícil Orion reconstituir o que acontecera, provocado exatamente pelos materiais radiativos. Reiniciou sua luta escrevendo cartas, afirmando e demonstrando com suas equações quais gases tinham se formado e como poderiam ser anulados, injetando no local os elementos apropriados. Tirava cópias, enviava para jornais e revistas.

Nenhuma reação. Alugou um computador, transcreveu tudo em tipos bem claros, foi redundante, facilitou a compreensão de cada detalhe, enviou sua solução para os meios de comunicação. Ninguém publicou suas cartas, jogadas fora junto com as centenas de outras, escritas por ingênuos, místicos, psicóticos sugerindo soluções impossíveis. Tentou contato pelo telefone. Algumas vezes foi atendido, mas sua fórmula exigia um cientista. Devido a insistência, um dos técnicos vindos de fora o ouviu, pelo telefone. Por mais que Orion estivesse habituado com a limitação das formigas humanas, ele não discutira ainda com um cientista. A explicação do fenômeno, simples para Orion como juntar duas partes de hidrogênio, uma de oxigênio e produzir água, o cientista não entendeu. A injeção de elementos radiativos no local, foi contestada, sem nenhum

argumento. Orion pediu-lhe em nome da população ameaçada que experimentasse, ofereceu sua participação para organizar tudo. O cientista desligou o telefone e se recusou a falar de novo, quando religou. Pela primeira vez, Orion resolveu sair da sua máscara de idiota para salvar os outros e a si mesmo. Deixou crescer a barba, colocou óculos grossos, mudou seu modo de vestir-se e de apartamento. Tinha acumulado dinheiro suficiente para isso.

Precisava de alguns produtos e de um local para trabalhar. Foi fácil alugar um barracão em local discreto. Quanto aos produtos, falsificou licenças, subornou ou pagou o dobro conseguindo arrumalos. Alguns eram raros e não se vendiam no comércio, só eram encontrados na sede de uma multinacional. O próprio clima de calamidade pública e as centenas de mortes provocadas pelo nevoeiro ajudaram a representar o seu papel. Falsificou documentos e se apresentou como um dos americanos encarregados de resolver o grande problema. Foi bem recebido. Os cientistas dos laboratórios da firma conversaram com ele, em inglês, sobre o fenômeno. Orion, já testara com o cientista do telefone, qual a reação se dissesse a verdade. Facilitou, deu outras razões, saiu com o produto necessário. Com os que faltavam foi mais fácil, citando a primeira firma e os seus pesquisadores. Voltou para o seu barracão, contratou empregados que o ajudassem. Tudo pronto, resolveu fazer a operação a noite, sem contar a ninguém. Levou consigo dois carregadores, deu-lhes máscaras protetoras que confeccionara e não foi difícil enganar os guardas, que ele trabalhava para o governo e ia colocar um medidor no centro do lixo venenoso. Quem se arriscava a morrer indo até o local, só podia ser alguém com licença. Quando a fórmula de Orion alcançou a profundidade certa, um jato forte de fumaça espessa saiu pela abertura, o que Orion simplificara como "uma espécie de reação em cadeia", repudiada pelos entendidos com quem conversara.

Verificaram oficialmente no dia seguinte que o nevoeiro mortal não se manifestara. O local, como sempre estava cheio de repórteres, agora mais próximos dos limites do aterro, já que o nevoeiro não aparecera. Um jornal tablóide publicou uma reveladora notícia de seu jovem repórter, que interrogara os guardas e reconstituíra as manobras de Orion, descrito como um misterioso homem de barba e quem colocara no centro do aterro uma bomba que controlara a emissão de gases. Foi só esse jornal que acertou quem resolvera o problema. Todos os outros, ajudados pelas eruditas explicações dos técnicos, atribuíram a solução do desastre como obra dos cientistas contratados. Orion pediu aos empregados que nada dissessem, aviso dispensável, ninguém acreditaria. A amante de Orion tinha acompanhado, sem nada entender, as mudanças do namorado, seu interesse pelo fenômeno. A experiência o levou a abandonar um projeto, vindo da adolescência. Anonimamente, planejava fazer a ciência e a tecnologia se adiantar e resolver as

imperdoáveis diferenças sociais do terceiro mundo. Negociar com governos e firmas internacionais novos métodos e invenções, o domínio das patentes e a escravidão do dinheiro, eram tarefas impossíveis para uma só pessoa. Centralizar-se dono das invenções, ficar bilionário para ser um Mecenas, protetor dos pobres, sabia que seria perseguido, dominado, certamente assassinado, as injustiças sociais eram instrumento de domínio, jamais poderia lutar sozinho contra todos. Sua fascinação pela descoberta do mundo, através da sua cultura superior, se arrefecera. Ainda se debruçava nas trilhas das formigas, mas a linguagem delas era restrita, seus objetivos, sempre iguais. Formigas e humanos eram semelhantes, nenhuma mutação, só a repetição exaustiva dos problemas e os mesmos insuficientes métodos para atenuá-los. Nem o sexo, nem sua memória a lhe contar anos luz de história, impediam uma solidão irremediável. Já não era divertido passar por idiota medíocre, mas cansativo. Mesmo fingindo ser menos idiota, diálogo com os humanos, teria de esperar o contato com dez planetas, sem violência, para subir um degrau na escola planetária.

As economias juntadas 'por Orion, entregou aos pais, que raramente o viam e para a sua namorada mais antiga. Foi para a Índia. Na fronteira, em uma montanha muito alta, alguns devotos, monges solitários, viviam em cavernas, mal alimentados, em meditação ou fuga das realidades citadinas.

Foi para lá, logo arranjou o seu refúgio, pois falava o dialeto da região.

Paradoxalmente, estando só, sentia menos a solidão. Como falava qualquer língua, acumulou alguns discípulos. Para eles, jamais falou da nossa pequena galáxia, dos planetas habitados e suas múltiplas vivências. Havia muito tempo (séculos?) até que a humanidade ou aquilo que dela restasse, pudesse compreender porque não sabemos o que estamos fazendo. Restava a Orion ensinar coisas simples, a linguagem dos micróbios, das abelhas e formigas. Seus discípulos repetiam os gestos, religiosamente. Tinham esperanças, algum dia, ajoelhados diante dos buracos disfarçados na terra, conversar com o inseto, perguntar o que a rainha pensava sobre o mistério dos deuses pernaltas, donos das armas, códigos e decretos.

SOBRE O AUTOR...

André Carneiro

André Carneiro tem uma extensa carreira artística. Ganhou prêmios com fotos artísticas aqui e na Europa. Cineasta, com "Solitude" representou o Brasil em Festival artístico na Inglaterra. Sua atividade principal é a de escritor, com poemas, romances e contos traduzidos em mais de dez idiomas. Ganhou prêmios importantes com sua poesia, como o "Machado de Assis" e o "Nestlé", com "Pássaros Florescem" ("Birds Flower", traduzido nos Estados Unidos). Foram feitas várias teses de mestrado sobre sua obra poética.

Contista considerado por críticos americanos, espanhóis e argentinos como o melhor autor de ficção fantástica da América Latina. Mestre internacional do gênero, foi destaque da importante editora norte-americana Putnam na antologia *The Definitive Year's Best Selection*, de 1973, que editou os melhores contos de Ficção Científica do Mundo. Seus trabalhos tem sido traduzidos em mais de dez idiomas. Seu conto "O Mudo" foi transformado em roteiro e produzido um sofisticado filme de longa metragem pela Embrafilme, dirigido por Júlio Silveira, com Nuno Leal Maia e Míriam Rios. Também do seu conto "O homem que hipnotizava" a TV Globo fez um "caso especial" que, embora amplamente anunciado, não foi ao ar por proibição da censura do governo militar. Foi publicado nos Estados Unidos em Antologia Universitária, ao lado de nomes como Solzhenitsyn, Rafael Alberti, Gabriela Mistral, Anton Chekhov, Behold Brecht, Tagore, D.H. Lawrence, Jacques Prévert, Cisneiros, Huxley, etc.

Seu romance Piscina Livre (1980), traduzido na Suécia, alcançou sucesso crítico. A. E. Van Vogt (USA) o comparou a Kafka e Albert Camus. A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors afirma que André escreve "a mais original F. C. do Brasil". Também o crítico espanhol Augusto Uribe o considera o melhor autor em literatura fantástica da América Latina. Daniel Barbieri (Argentina) o cita como "o mais destacado escritor latino-americano do gênero". Dinah Silveira de Queiroz o trata por "nosso mestre da F.C.", e Carlos Drummond de Andrade afirmou que, "em Piscina Livre, André exercita de maneira brilhante a originalidade de ficcionista".

No II Festival Internacional do Filme, no Rio, em 1969, foi presidente do Simpósio Internacional (tendo havido a coincidência, que ele destaca, de ter assistido "Metrópolis", ao lado de Fritz Lang e "2001" ao lado de Arthur Clark).

Ensaísta e analista, autor de dois livros sobre Hipnose clínica e teses sobre Parapsicologia.



SARA

Leopoldo Guimarães

leopoldo.guimaraes@mail.telepac.pt

Fala-nos P.e Antônio Vieira, no seu bellissimo Sermão de Santo Antônio aos Peixes, numa tal Sara, a quem um demônio chamado Asmodeu terá morto sete maridos. Naquela época, uma mulher ser desposada por tantos homens não seria invulgar. Segundo relato bíblico, até alguns Saduceus colocaram a questão de saber, na Ressurreição, de qual deles ela seria esposa, pois todos a teriam tido. Eram mulheres de raça, da estirpe com que se povoou o mundo. Espicaçado pela curiosidade, quis conhecer a história de Sara, nome que ao tempo até era bem comum. Investiguei, e concluí:

Tinha Sara mais dois anos e cinco luas além do duodécimo aniversário, quando teve o seu primeiro incomodo de mulher e foi quando Asmodeu, o Demônio que era o seu verdadeiro pai de geração, a foi reclamar a Tebana, para a oferecer por esposa a Aisaque da tribo longínqua de Aloé. Tebana, porém, que criara essa filha com um carinho muito particular, talvez porque emprenhada em tempo de confusão e guerra nunca conseguira distinguir a quem pertencia aquele fruto do seu ventre, recusou-se a ouvir Asmodeu, não deixando que a filha partisse e suscitando assim a ira demoníaca. A César o que é de César, e assim também ao Demo o que é do Demo. Não admira pois, que a vida de Sara tivesse que ser muito purificada ao longo de anos e anos, até ser considerada digna de entrar no Reino dos Céus.

Os anos da vida de Sara foram cento e trinta e dois e ela morreu em boa velhice. Ao todo pertenceu a um Demônio e a onze homens, sete sendo seus maridos, ainda que só concebendo de dois deles, mas dando-lhes onze filhos. O primeiro com quem esteve foi seu próprio padrasto, ao começo da maldição de Asmodeu, que depois lhe foi matando um a um os seus esposos até que por fim, Tobias, o pescador, a livrou do mafarrico, com o poder do coração de um grande peixe escamudo que um dia, quando se preparava para lavar os pés do pó do caminho, apanhou nas margens de um rio, ajudado pelo conselho do anjo S. Rafael que o acompanhava na caminhada.

Em casa de sua mãe os cômodos eram poucos e os moradores muitos. Mesmo assim, Rodão, seu pai adotivo, separava as águas à noite, juntando as esposas, duas, e as servas, três, numa quadra, noutra os filhos homens e noutra as filhas. Os escravos e os criados servos poisavam no campo, onde a pouca inclemência do tempo menos os apoquentasse. Mas na época das colheitas havia que libertar espaço para armazenar temporariamente as espigas e depois o grão, antes de ser transaccionado e para que o gado não devastasse logo parte da produção, e então as filhas acantonavam-se também com as mulheres adultas. Rodão tinha um campo com poço, e animais e vinhedos. Era inteligente a orientar os trabalhos nas suas culturas e zeloso dos seus haveres. E como cumpridor da Lei dos Antigos procurava reproduzir-se, regularmente. Não cometia excessos de sexo e respeitava as mulheres que não estivessem limpas, mas a sua masculinidade implicava freqüentemente imprevistas visitas noturnas ao aposento das mulheres da casa. Nessas ocasiões, elas viam-no aparecer no umbral, de lá decidir-se por qual desejava, atravessar pelo meio delas, sem nenhuma se regozijar ou recriminá-lo, e despejar-se rapidamente na que lhe despertara interesse. Consumado o ato, breve se retirava para ir dormir junto ao redil, perto do seu rebanho e dos seus homens de mão.

Sara sempre estimara o padrasto, que se mostrara pai dos outros irmãos como dela, que era a mais velha da descendência de Tebana, mas também se habituara a ver o procedimento acatado de Rodão, consensual e naturalmente aceite pelas fêmeas adultas. Por isso, não se admirou quando lhe tocou a vez a ela. E, pela obscuridade, apenas se interrogou se as outras saberiam que era a primeira vez dela. Conhecia-lhes os gemidos, lamuriosos, mas duvidava da sua veracidade, porque também lhes conhecia as manhas e os enleios. Ficou então ao par da desinquietação, e apesar de tudo não desgostou. Não se confessaria ufana da preferência, instintivamente. Mas ficou contente por servir Rodão e por ter sido a escolhida naquela noite. Mulher era agora e já não seria contestada por criança. O padrasto era de fato, como as outras cochichavam, um facho de besta com cio, impulsivo e quase desastrado até se aliviar, nada como os dóceis escravos de que às vezes se servia cada uma, no meio dos canaviais, atrás das sebes de vinhedos ou mesmo no meio do rebanho quando de madrugada iam ao leite, como ela já vira. Nessa altura os gemidos misturavam-se com risadas, soltas no silêncio distante ou por entre a algazarra de balidos. Nunca a austeridade de Rodão se prestaria a tais fraquezas. Teria agora Sara oportunidade de avaliar tudo por si própria, pois que saltava à vista que as outras não eram tolas e se assim se exprimiam seria porque se divertiam.

Quem não apreciou a vontade de Rodão naquela noite, foi Tebana. Inesperadamente, dava-se conta de que o corpo de Sara estava feito e não era só núbil, como era apeteável. Recusara deixá-la ir-se embora com Asmodeu, vendo-a ainda criança e devia logo ter reparado que quem ele reclamava era uma mulher feita. Também não contara com aquela atitude de Rodão, a qual podia ter significados melindrosos. Dar-se-ia o caso do esposo se ter excedido em libações e, embriagado, haver confundido o vulto de Sara? Ou escolhera-lhe a filha que ela mais amava, para lhe mostrar que estava avançada na idade, feia e estéril e ele queria mais prole do mesmo sangue? Ou estava Asmodeu a cumprir as ameaças que formulara?

Tebana era a mulher que conduzia a vida doméstica da casa e também a mais velha. Primeira mulher de Rodão, fora-lhe parar às mãos já com uma filha de dois anos, e por paga de jornas em dívida, que seu pai, por má administração, deixara acumular por tempo de mais. O negócio envolvera por dote também uma parte pouca da atual propriedade de Rodão. Ganhara-lhe afeto, a acrescentar ao respeito que sentia por ele enquanto incansavelmente labutara para o futuro sogro. Dera-lhe filhos e ajudara-o a tornar-se abastado, ainda que, inevitavelmente, houvera de lhe aceitar a compra de mais outra esposa e também o uso de servas, o que era até um aligeirar da sua obrigação. Orgulhava-se de ter sido a mais parideira, o que ele reconhecia concedendo-lhe o mando, dentro de portas e em tudo que ele não superintendesse. Sempre preocupada com o melhor apoio a Rodão, seguia-lhe todos os passos com atenção, tentando adivinhar-lhe e satisfazer-lhe as possíveis necessidades e os interesses. Por isso não teve dúvidas sobre com quem ele estava, quando lhe tomara a filha, e viveu esses momentos calada, angustiada e apreensiva. Tebana conhecia a lei que dizia que se alguém seduzia uma virgem que não fosse desposada, e se deitasse com ela, devia pagar por ela o dote e tê-la-ia por mulher, mas não era esse o futuro que ela desejava para Sara.

Tomou pois medidas. Para Rodão, preparou poções que bem lhe diminuíssem a urgência. Já sua mãe tratara assim um marido, e ela aprendera. E a Sara, passados alguns dias, mandou-a de empréstimo na lida caseira, a uma sua irmã colaça, que vivia em aldeia distante. Não que se Rodão a quisesse a não fosse buscar, mas pelo menos tirava-a de perto dele, e mesmo se Asmodeu voltasse em demanda dela já ali a não encontraria.

Tebana menosprezou os poderes de Asmodeu, que sendo anjo Demônio podia influenciar a posteridade e mais que não fosse, ele que a cobrira tinha direitos paternos sobre Sara. Fizera aquela filha lindíssima, mas terrena, e não era justo que a mãe, lá porque a trouxera no ventre, se arrogasse a autoridade de lhe traçar o destino entregando-a a algum humilde pastor, possuindo ele dons

maquiavélicos que a logriariam tornar mulher enfeitante e desejada por reis e senhores poderosos. E quando se apercebeu que pela sua teimosia Tebana acabara por possibilitar a tentação de Rodão sobre Sara, o qual abusivamente a tomara para si, prometeu vingança: apoquentaria ambas. À mãe, para que jamais esquecesse que ninguém se podia rebelar assim contra Demo, e à filha, para que aprendesse a obediência, pois que também fora culpada de o renegar e se ter refugiado nas saias da mãe em vez de abraçar o empolgante futuro que ele lhes fora propor.

De fato, como se constatará ao longo desta história, Asmodeu nunca perdoou, e teve uma intervenção constante e maldosa na existência da filha.

Na precipitação de pôr Sara longe dos apetites de Rodão, Tebana chamou dois servos que lhe eram fiéis, deu-lhes um burro com os alforjes sortidos de comida, e uma mão de moedas e mandou que transportassem sigilosamente a rapariga para casa da tia. E descuroou um aspecto importante. É que os criados, que não conheciam mundo, eram prestáveis mas pecos, e ao cabo de dois dias de viagem estavam perdidos na orla do deserto. Verdade seja dita, que Asmodeu muito contribuiria para a confusão deles.

Foi assim que Sara conheceu a Zoueini, ladrão de caravanas, chefe de um dos inúmeros bandos arriados em camelos que faziam lei e terror nos caminhos do Oriente. Os servos que lhe faziam escolta bem pediram misericórdia aos assaltantes, mas de nada lhes valeu e, embora a moça nunca tenha sabido, depois de separados dela foram amordaçados, trespassados à espada e abandonados logo ali, onde foram descarnados por abutres e grandes gatos selvagens, nada restando deles se não ossos, poucos dias depois. Mas Sara era realmente bonita, a começar a florir, e Zoueini desejou-a e depois de a ter, sobre peles estendidas em cima da areia escaldante, deu-lhe privilégio de senhora e deixou-a seguir montada no dorso do jumento. Em tudo foi delicado para com ela. E Sara, que engraçou com o seu cabelo revoltado e brilhante do Sol e a sua cor tisonada e os seus modos galantes e o achava tal como ela agora sem eira nem beira, seguiu-o docilmente, curiosa da sua sorte e de certo modo contente porque passara a fazer parte do bando e era a única mulher. Aqueles ladrões, apenas cinco mais Zoueini, eram maltrapilhos e que se visse não tinham bens materiais e às vezes nem comida, mas para ela havia sempre alguma coisa que trincar, colhida, caçada ou roubada. Duas semanas andou com eles, cada vez mais deserto adentro, e ele só a inquietou duas vezes.

Teria querido ficar com Zoueini e tornar-se mulher falada de ladrão mas desde o princípio que soube, intuitivamente, que ele não a queria por esposa e a preservava com segundas intenções. E assim

era. Uma manhã, acordou ao nascer do Sol e verificou que tinham acampado de noite às portas de um caravanceraí. E adivinhou: Zoueini ia vendê-la como escrava.

Era uma jovem muito formosa à vista, embora estivesse muito suja, e Zoueini facilmente obteve bom dinheiro por ela, de um mercador com quem mantinha relações de paz e negócio, Abissum, rico comerciante Caldeu, que transaccionava de terra em terra mercadorias de pedras preciosas, de pérolas, de linho fino, de púrpura, de sedas, especiarias, perfumes, mirra e incenso, vinho, azeite, flor de farinha, trigo e cavalos e escravos. Com Zoueini a sua vida entrara num ritmo nómada, desordenado, sempre em movimento, à procura de alvos ou à procura de sombras, as vozes cavas ou os gritos de ataque, guturais e frenéticos, ou o silêncio extremo ou o vergastante barulho do vento a marcarem a passada. Por poucos dias. Depois de vendida a Abissum continuou, de planície em planície, de cidade em cidade, mas um tempo mais organizado e mais cómodo, balouçante, sentada na albarda do camelo ou passado em tendas, já não em desequilíbrio na espinha ossuda do burro, já não ao relento. O mercador era rico. Tinha várias esposas, e concubinas, e propriedades nas regiões de Tiro e de Sidon. A caravana era grande e incluía também mulheres, o que se compreendia, porque só de ano a ano regressava à casa distante e seria muito complicado conduzir e sustentar entre quarenta a cinqüenta homens e dezenas de cavalos, mulas e dromedários, ajoujados de vasta carga, por tão grande período sem a ajuda de alguns dons femininos.

Abissum sabia escolher e valorizar a mercadoria que comprava para revender ou para seu uso. Mandou dar-lhe banho e perfumá-la e ele próprio enfeitou a nudez dela, mas apenas com anéis nos artelhos, braceletes e pendentos de prata e um colar dourado em forma de meia lua. Sara não conhecia a língua dele mas entendeu tudo perfeitamente: ele queria fazê-la esposa. Poderia tê-la sem qualquer envolvimento, que a adquirira como escrava, mas por boa razão, que ela era bonita, mimava-a com presentes. Abissum possuía boa figura, e alguma idade, um fato brilhante, azul celeste, respeitável turbante branco, bigode farto e arrebitado nas pontas, não usava barba crescida e olhava-a com admiração. Certamente ambicionaria filhos dela. A sina estava a empurrá-la depressa dos braços de um homem para os de outro. Primeiro Rodão, depois Zoueini e agora Abissum, mas qualquer deles oferecendo-lhe honras de escolhida, pelo que tinha pouca razão de queixa. Abissum a teria, de vontade dela também. Dedicou-se-lhe e deu-lhe três filhos. Urai, na primeira vez que deu à luz, e a seguir Taran e Aatal. Regozijou-se porque eram todos filhos varões, mas depois aconselhou-se com Zorã a cuidadosa parteira da caravana, porque da vez seguinte queria ter uma filha. Mas de Abissum não emprenhou mais, porque a vida separou-os, e o seu desejo de conceber uma rapariga só veio a concretizar-se bem

mais tarde. Nos cinco anos que foi sua mulher nunca quis assentar definitivamente nalgum lado. E tornou-se-lhe útil como especialista em jóias, cintos e amuletos, véus e mantos e vestidos diáfanos, e perfumes.

Naquele tempo era grande a fome na terra e muitos os reis e os exércitos em guerra, pilhando tudo o que encontravam no seu caminho. Saqueavam os bens e arrebanhavam as mulheres e também os homens do povo que podiam engrossar as suas fileiras de combatentes. Um dia a caravana de Abissum foi apanhada no meio da luta entre o rei de Sinar e o rei de Zeboim. Feita prisioneira, Sara ainda viu cair Abissum, degolado. A sua formosura não passava despercebida e quando Ainan, capitão da guarda das tendas do Rei da planície do Jordão, a descobriu como fazendo parte do espólio que lhe havia tocado em tão brava refrega, tomou-a para sua mulher. Ainan por temperamento era um guerreiro e estava muito tempo fora de casa, quase se podendo dizer que quando lá regressava era porque vinha ferido ou a descanso, e trazer as riquezas que entretanto ganhara. O seu destino, mais cedo ou mais tarde, só poderia ser um: morrer num campo de batalha. Os mensageiros que de aldeia em aldeia iam passando as novidades muitas vezes chegavam bem tarde depois dos acontecimentos, e Sara apenas soube da morte de Ainan quase um ano depois dela ocorrer. Tivera de submeter-se a Ainan e para seu próprio bem aguentara a desdita sem más atitudes. Afinal ele também a desposara. Mas nunca simpatizou com ele, embora o não antagonizasse. Enviuvou, mas não com indiferença porque se comoveu com a defenestração impressionante a que Ainan foi sujeito, segundo descrição de um companheiro de armas que escapara da sanguinolenta derrota.

Se morrer alguém, não tendo filhos, seu irmão casará com a mulher dele, e suscitará a descendência, assim estabelecia a lei, e Sara passou a esposa de Zebeu, que usava traje de linho fino e trancelim de ouro ao pescoço, Juiz e sacerdote do Deus Altíssimo e irmão de Ainan, e protetor de músicos harpistas e flautistas e tocadores de alaúde. Na boda dos esponsais houve pão e vinho pois ele era sacerdote, mas júbilo comedido. Em grande parte da casa de Zebeu havia ídolos, e no recinto das traseiras eram mesmo venerados com cânticos e ao som de tambores e de harpas. Sara achava que faltava naquele lar a alegria que conhecia de outros lugares de culto, talvez porque Zebeu já ancião entendesse que só a austeridade e a solenidade se coadunassem com as suas funções de magistrado. Os que iam àquela casa era para ouvirem o sacerdote ensinar-lhes a palavra do Senhor, e os que o procuravam no tribunal era para lhe demandarem justiça, ministérios que ele praticava segundo cada lei, desinteressadamente. E não obstante ter abundância de tudo, pela consideração que ia merecendo do povo, que lhe oferecia rebanhos, cereais, sedas e tecidos de todas as

espécies, não deixava nunca de julgar segundo os méritos e deméritos das causas, sem atender a que os queixosos estivessem nus ou famintos ou fossem doentes, ricos ou pobres, tanto homens como mulheres. E muitas contendas então havia, pois não eram poucos os que se entregavam a feitiçarias, ou perseguiram os seus semelhantes, furtando, cometendo libertinagens e homicídios e toda a espécie de iniqüidades. Tanto que o próprio Zebeu morreu assassinado por um litigante que ele condenara à amputação de uma mão e de um olho, e pesada multa, em razão de uma rixa desigual e maldosa que tornara um cinzelador meio cego e maneta. Sara sempre afirmou que essa fase da sua vida, apesar de tristonha, foi a que mais buliu com a sua emotividade. Andava quase continuamente sobressaltada, e com razão, como se viu pelo destino fatal de Zebeu, e exaltada, pelos atos de culto ou assembléias de fiéis em que se via envolvida, particularmente nas luas novas, nas festas fixas e aos Sábados.

A Zebeu também ela não deu geração. Aliás nunca tal desejou, apesar de se sentir respeitada e confortável na casa dele. Quando o mataram, inesperadamente para ela, quase não o pranteou, porque verificou que ia finalmente sossegar de tanta ablução, e de tanto fumo de incenso, e sobretudo porque o contrato do seu casamento teria agora um novo proprietário, homem com quem convivera uma ocasião em que ele estivera de passagem por casa de Ainan e por quem se sentira intimamente atraída. Judiade, lavrador no vale de Salém, irmão mais novo de seus defuntos maridos Ainan e Zebeu.

Judiade, ainda na meia idade era dono de férteis terras, de bois, de jumentos e ovelhas, e de servos e servas. Era só, porque nunca quisera casar-se e, curiosamente, nenhuma das servas que até então já tomara, lhe dera descendência. A sua única esposa veio a ser Sara, a qual ele teve de assumir por dever de parentesco, mas que verdadeiramente o honrou com uma prole de oito filhos. Depois de Abissum, o comerciante caldeu, Sara não voltara a engravidar. Não concebera de Ainan, nem de Zebeu e admitiu que já se tornara estéril. Mas, de novo voltou a frutificar, com Judiade, o qual morreu de congestão após um banquete em comemoração do nascimento do seu décimo quinto filho. Morrerem-lhe os maridos, era acontecimento a que Sara já se habituara como prometida vingança do Demônio Asmodeu, que se ia cumprindo. A nenhum ela alertara do que lhes poderia acontecer, certamente, mas se os avisasse eles não queriam acreditar, tanto se enfeitavam logo da beleza dela, que a despeito dos anos irem passando lhe não fugia. Também, o seu temperamento cordato e o seu bom senso bastante lhe aliviavam a existência. Com Judiade, a sua boa índole mostrou-se exemplar. Basta dizer que, mal a viu empenhada com sucesso, Judiade, por mor de a respeitar e proteger a gestação, conteve-se de estar com ela, e lhe pediu a ela que

recomendasse qual a serva de quem se poderia agradar. Mandou-lhe Zaila, a sua criada preferida, e ele se foi servindo dela. Por singular coincidência, a seguir ao parto de Sara, também Zaila empenhou. E nos anos subsequentes, tacitamente, foram-se ambas alternando a filhar Judiade, com muito orgulho e satisfação dele. Até que ao oitavo rebento de Sara houve aquele funesto banquete em que depois de muita comida e muita bebida Judiade subitamente se finou.

De novo viúva, Sara poder-se-ia ter mantido assim, independente, numa casa onde estava em vantagem porque era a única mulher que tinha sido esposa de Judiade. Contudo, preferiu afastar-se e casar de novo, pois que seu filho Lael era primogênito e herdeiro, e saudável e bem adestrado pelo pai estava já em condições de lhe suceder. Sara mal chegara aos sessenta anos e já conhecera seis homens e aprendera a necessidade de ter amo de quem cuidar e a quem ajudar a engrandecer em fortuna. E ainda gostava de divertir-se; quando antes recebia Judiade era muito por deleite. A viuvez pesaria pois sobre ela como um monte de pedras no seu túmulo. Então, não ficaria só, ainda. Estaria ela agora a provocar Asmodeu?

Simac, gravador, desenhista e bordador em azul, púrpura e carmesim, artífice perito, cunhado de Judiade, que vivia com eles e que também enviudara recentemente, apreciava muito o trabalho de Sara, mestra em fiar linho de túnicas. Passados alguns meses de nojo aproximou-se dela e propôs-lhe consorciarem-se. Era negócio mutuamente proveitoso. Outro fito de Simac era o de aproveitar a comprovada fertilidade de Sara. Queria a descendência que a irmã de Judiade não lhe dera, mas tal seria impossível, porque, Simac não sabia, mas a incapacidade de se reproduzir era dele. Por outro lado, em segredo, mais filhos não desejava Sara, que já fora mãe de onze ao todo, o último dos quais servira até de meio para a incansável represália de Asmodeu. Ao fim de três anos, Simac, enganado por uma escrava que lograra atribuir-lhe a gravidez feita por outro criado, começou a menosprezar Sara, e esta, que até nem lhe ganhara afeição, pagava-lhe na mesma moeda, sendo-lhe infiel com um pastor, de nome Uriel, que a cativara numa das melancólicas manhãs em que ela se acostumara a passear, bem cedo, buscando frescura, aromas e paisagens campestres que muito recordava da infância e do tempo em que fora mulher de Judiade. Uma flauta de cana soltando toadas harmoniosas e bucólicas, gosto comum no pastoreio e no preparo do gado, que ela até aprendeu a tosquiar as ovelhas, e cumplicidade bastante na fabulação de histórias que se entretinham a contar um ao outro, propiciaram que de Uriel fizesse seu amante. E Simac, com um desinteresse por ela cada dia mais acentuado, mais facilitava o romance. Daí que, quando compreendeu que Simac ficaria contente por renegá-la, primeiro insinuou-lhe a idéia e depois aceitou de boa vontade ser cedida, com dote simbólico, ao mago Baruk, que freqüentava a casa que já fora sua e agora era de seu filho Lael.

Por arte própria ou por maledicência escutada, Baruk soubera da relação adúltera dela com Uriel e começara a requestá-la discretamente. Talvez porque reconhecesse que Sara, além de linda tinha fogo anímico que o robusteceria se fosse sua companheira, esforçou-se por conquistá-la, influenciando-a com as suas poderosas magias e os seus truques. Baruk era um mago encantador, lançava o seu bordão e ele se transformava em perigosa serpente, brandia-o sobre as águas e elas se tornavam sangue, e com sinais e invocações acendia o fogo em sua volta. E era adivinho, interpretava sonhos, e os seus sortilégios eram demoníacos. Mas Sara apenas depois de casada com ele é que descobriu a ilusão de quimérica felicidade em que ele a enredara. Em breve se lhe mostrou desmedidamente autoritário e ambicioso, cheio de soberba e maldade. Tão ruim que aquando de uma peste mortífera que assolou o rebanho mandou perseguir e matar Uriel a pretexto de que este era um falso pastor e trazia os animais encarnados de espíritos malignos que dizimariam até a população da aldeia.

Vivia então na cidade fortificada, em casa esconsa e obscura e em ruela abafada e tristonha. Faziam-lhe falta as aves dos montes e os animais das terras, e o coaxar das rãs nos fossos coalhados de cheirosas plantas de hortelã, as madrugadas amplas de nascer do Sol, e as noites de estrelas, quentes e fantasiosas. Quando um dia, Baruk irritado, mandou a Sara que a despropósito vergastasse as suas concubinas e ela recusou, afrontou-a com a infidelidade que ela praticara com Uriel, e declarou-lhe que por isso é que o mandara matar. Sara, irada e desastinada, insultou-o e ameaçou fugir-lhe. Por fim blasfemou e foi quando Baruk, possesso de um ataque de endemoninhado, revelou quem era realmente: o Demônio Asmodeu. E mostrou-se na sua figura mítica, com quatro asas, enegrecido, cascudo, cabeludo, chifrudo, horrível, e voando convulsivamente esfumou-se no ar, deixando inerte para sempre o corpo de Baruk. E também ela caiu redonda no chão. Recobriram-na do desmaio e o seu espírito estava fundamente perturbado, sentindo-se como que atingida por tufão de vento do Sul, que vindo do deserto tudo devasta. Saiu para a rua, sem gritar por socorro, hesitante, já a imaginar-se acusada de foragida à justiça, ou apodada de feiticeira, o que os criados que haviam assistido à diabólica cena depressa propalariam. Vagueou por becos labirínticos e acabou por desembocar na praça do mercado e por detrás deparou-se-lhe o Templo. Entrou. Um pregador declamava: *Se alguém fizer pastar o seu animal num campo ou numa vinha, e se soltar o seu animal e este pastar no campo de outrem, do melhor do seu próprio campo e do melhor da sua própria vinha fará restituição, diz a Lei. Também aquele que solta a sua alma na seara do pecado ou solta o seu animal, o seu corpo devasso, nas vinhas da ira, deve ao Senhor indemnização do melhor de si próprio.* Achou que tinha de se purificar e santificar. Aguardou pacientemente o termo do sermão e foi pedir acolhimento ao pregador. Um dos servos dela em

casa de Baruk, seguira-a e facilmente compreendera que ela abandonava o lar definitivamente, e quando deu conta disso à restante criadagem todos os outros se escapuliram, assenhoreando-se e levando consigo os bens que puderam. Em vida temeram o seu amo mas depois de morto ainda queriam estar mais longe dele. Numa casa quase vazia, até de mobiliário, jazeu Baruk fulminado pela passagem nele da encarnação de Asmodeu, abandonado por muitos dias, até se tornar fedorento e seco e por fim servir de banquete a ratazanas e cães danados.

Timão, o Pregador, que ela acabou por escolher para seu sétimo esposo, representou um impulso de arrependimento e a busca de proteção contra o espírito de Baruk, afinal Asmodeu seu inominável Pai. Timão era um arrebatado penitente que difundia com perseverança a sua ânsia de salvação das almas. Acolheu-a como mulher, sem vergonha das implicações terrenas, porque tendo apenas sessenta anos ainda esperava fazer um descendente que pudesse continuar a sua obra de evangelização. Cada relação carnal que tinha com ela transtornava-o e Sara muito chorou por vê-lo em seguida castigar-se dolorosamente usando cruéis cilícios. A cada passo ausentava-se de casa por dois ou três meses. Ia catequizar o mundo. Percorria incansavelmente as aldeias e cidades das redondezas, a espalhar os ensinamentos e a palavra do Senhor, em quem acreditava por viva fé: *Ele é o Senhor, e não há outro; fora dele não há Deus, ainda que nem vós nem eu o conheçamos.* E quando regressava ao lar, com a esperança de Sara já ter concebido, aparecia cansado e cada vez mais desiludido, coberto de pó, barba grisalha e emaranhada, embiocado nas suas tristes vestes de pano cru e a arrastar-se nas pobres sandálias esgarçadas, arrimado ao seu nodoso cajado, muitas vezes ferido e sempre despojado de quaisquer óbolos que houvesse recolhido porque muito o assaltavam os ladrões de estrada. Dizia então: *os homens não querem ver, não querem que lhes fale do que é reto, querem que lhes profetize ilusões.* Sob os cuidados de Sara, depressa se recompunha. Ficava então ao pé dela, indo pregar no Templo local, também por dois ou três meses e nesse tempo graças à caridade da vizinhança e dos inúmeros crentes que o iam escutar juntava víveres e haveres que dessem para ela se manter sem muitas carências quando ele retomasse a sua missão espiritual. Timão não permitia que Sara o acompanhasse nas suas deambulações pregatórias, mas enquanto permanecia em casa aceitava bem que ela o acolitasse, o que a ela também agradava porque nessa atitude empenhava o arrependimento dos seus erros de vida passados e ainda mais a frustração resignada de já não alcançar. Da última vez que Timão esteve fora demorou-se por mais de meio ano e quando voltou não havia nele coisa sã. Um bando de bárbaros malfeitores deixara-o coberto de feridas, contusões e chagas vivas. Levaram-lho em padiola, já quase sem tino. O homem não sobreviveu. Sara lamentou a desdita de Timão, mas sentiu-se

aliviada. Nos derradeiros anos haviam estado muito mais tempo separados do que juntos. Aprendera a viver naquela solidão mas suportava mal a preocupação com a má sina de Timão que de um dia para o outro lhe podia surgir em casa muito maltratado como de costume. Por isso, quando ele lhe morreu levou dela também aquela opressão constante. Timão não tinha familiares conhecidos e nem Sara fazia ideia de onde ele era originário. Providenciou-lhe sepultura e jurou a si própria que nunca mais queria homem, agora que já se penitenciara de seus levianos arroubos com Uriel.

Pela primeira vez estava verdadeiramente só na vida. Tinha uma cunhada viúva, Elsa, que morava solitária numa aldeia de pescadores nas margens do Jordão. Resolveu ir visitá-la. Possuía poucos recursos mas a sua arte de tecelã era sempre apreciada e por isso não receava morrer de fome. Em qualquer altura poderia rogar abrigo de algum dos onze filhos, mas recusava esse pensamento pois acreditava que Asmodeu sempre a perseguiria e aos que estivessem com ela. A sua cunhada Elsa era boa mulher e, como ela, não tinha praticamente nada para perder. Recebê-la-ia bem.

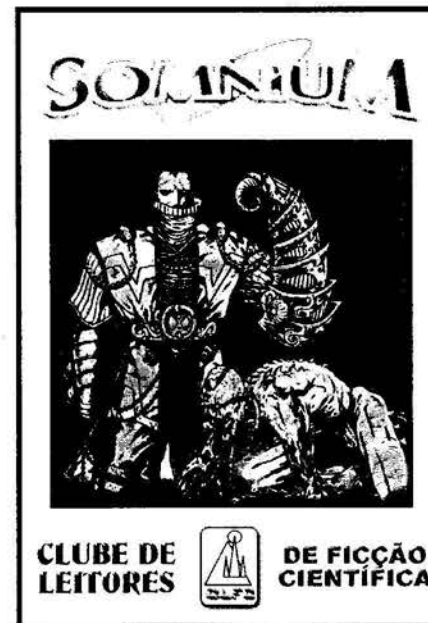
Sara estava então nos oitenta anos, e ainda viveria muitos mais. De fato, nunca mais se casou. Nem ela nem Elsa. Mas ainda tiveram a amizade e o amparo de muitos homens, com alguns coabitando até. O último dos quais foi o bom pescador Tobias o Moço, o qual era uma alma pura que praticava a Lei e a bondade e se entendia com os anjos como S. Rafael. E foi este que lhe ensinou a lançar fora de casa os demônio, queimando parte do coração de um certo e grande peixe, do qual também o fel era bom para sarar da gueira.

Eis, tanto quanto pude apurar, a história de Sara, que por mais de metade do tempo consistiu numa fantástica odisséia conjugal.



RUMO AO 100

AMIGOS,



Faltam 12 edições para que o Somnium atinja a marca de 100 números publicados. Um feito raro para publicações independentes, ainda mais sendo brasileiras. Que tal se em nossas resoluções de ano novo lutarmos para comemorar esse feito junto com o aniversário do CLFC, em dezembro de 2004? Se o Somnium tiver uma regularidade mensal neste ano que entra, poderemos conseguir chegar ao número 100 em Dezembro! E essa centésima edição poderia ser bem especial, talvez até pudéssemos conseguir patrocínio para imprimi-la em gráfica.

Mas para isso é necessário que todos colaborem, enviando suas contribuições ao editor o mais breve possível, para que não ocorram atrasos como os que permearam as últimas edições. Além disso, poderíamos começar a fazer desde já uma Campanha Rumo ao número 100, colhendo entrevistas de sócios e ex-sócios; memorial de algumas das mais significativas reuniões, comemorações e premiações do CLFC; um panorama da Ficção Científica Nacional hoje e na época de fundação do Clube e do lançamento do Somnium; uma retrospectiva de tudo que já foi publicado nas 100 edições do fanzine e muito mais.

E então, vamos fazer nossa resolução de ano novo rumo ao 100?



Leopoldo Guimarães

SOBRE O AUTOR...

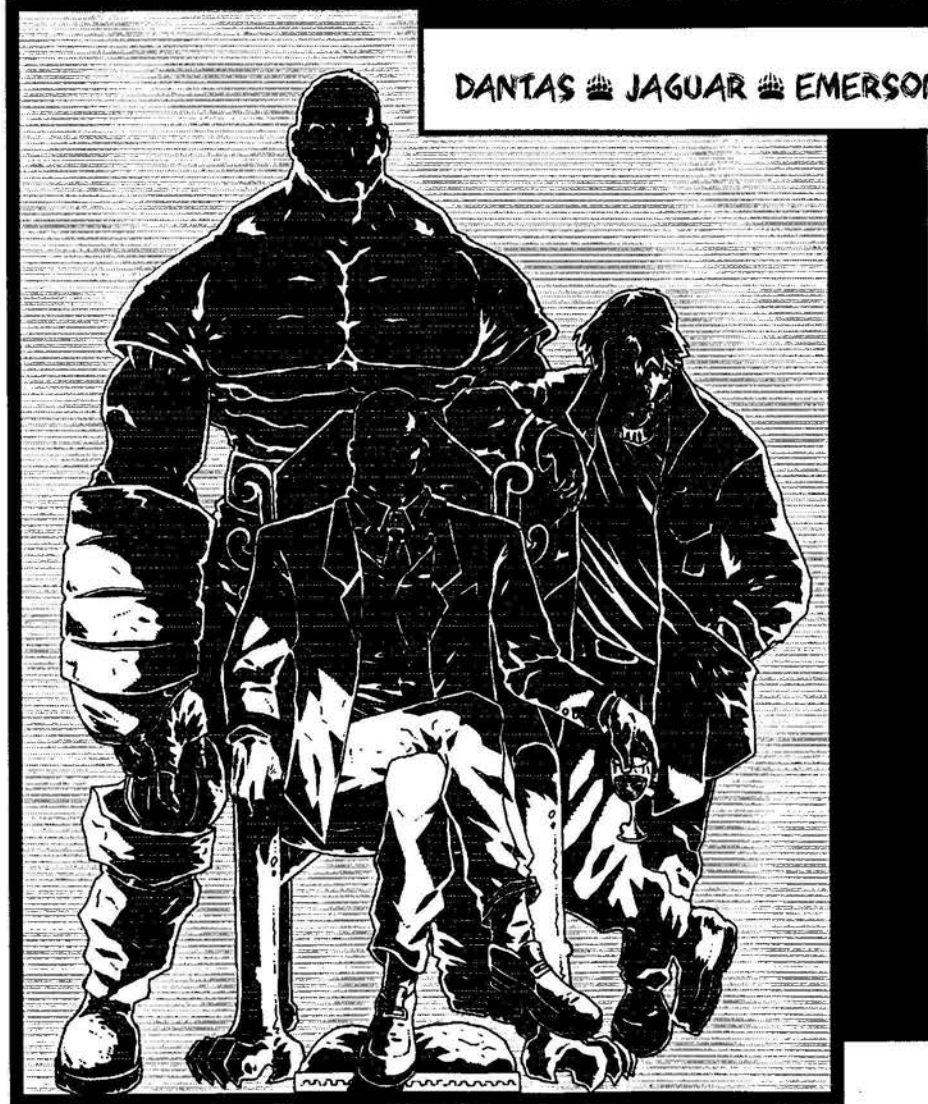
Natural da cidade do Porto, freqüentou a Faculdade de Economia, tornou-se bancário, e jornalista, e o seu avatar não serenou enquanto não o impeliu a aposentar-se profissionalmente para se dedicar à auto-punição pela escrita. Confessa que, atavicamente, ainda não sabe distinguir, para além da crônica ou da prosa de investigação e de alguma Ficção Científica, o que é Realismo, Ficção ou Fantasia, e por isso mistura sempre essas perspectivas nas suas obras. Tem três romances publicados. Já recebeu distinções da Simetria - Associação Portuguesa de Ficção Científica, do Prêmio Horácio Bento de Gouveia e do GDC do Banco BPI. Seus contos e romances podem ser lidos no endereço: <http://www.terravista.pt/Ancora/2324/index.html>

QUADRINHOS

HOMENS DO MISTÉRIO

Arte: Jaguar e Emerson

DANTAS 🐾 JAGUAR 🐾 EMERSON



ILHAS VULCANICAS DE TONAJA...



PROFESSORI!!

EM UM MUNDO PERFEITO, AQUI DENTRO
RESIDIRIA UM ANTIGO ESPÍRITO, ANTERIOR
AO POVO DESTAS ILHAS...

PODERIA SER UMA
DIVINDADE BENIGNA,
OFERECENDO LEITE
E MEL.

UM DIA,
OS ABORIGINES,
REVOLTANDO-SE, TERIAM
QUEIMADO VISCERAS DE
TUBARÃO, MISTURADO COM
AS CINZAS DO MAIS
VELHO DA TRIBO...

...E AS
SOPRADO
DENTRO DE
UMA CONCHA
DO MAR...

...PARA
CONJURAR
UM ANTIGO
FETIÇO...

...E APRISIONAR
A ENTIDADE NESTE
ÍCONE DE
MADEIRA!

VEJA O QUE
ENCONTRAMOS

ENTÃO,
SÉCULOS
DEPOIS, NÃO
OLVIDO OS
PEDIDOS
DESESPERADOS
DOS
NATIVOS...

...UMA DESTEMIDA EQUIPE
ARQUEOLÓGICA EM
EXPEDIÇÃO NO LOCAL...

...SOLETRARIA
AS ANTIGAS INSCRIÇÕES NA
BASE DO ÍDOLO, E A
DIVINDADE RETORNARIA
À VIDA!

UM CLASSICO.

O...
O SENHOR
DEVE ESTAR
BRINCANDO,
NÃO É?







"...E UM DIA COMO OUTRO QUALQUER ELE VIU QUE AS ARVORES ESTAVAM VERMELHAS, O CEU ESTAVA ESCURO, COMO SE ESTIVESSE A OLHAR PARA O MUNDO COM AR DE REPROVAÇÃO. A FLORESTA GRITOU NUM SOM AMARGO. ELA ESTAVA EM CHAMAS. E O HOMEM, SEM PODER FAZER NADA, ACEITOU A MORTE. PORÉM, ELE PERCEBEU QUE NÃO MORRIA. O FOGO NÃO LHE CAUSAVA DOR. ENTÃO, O HOMEM TEVE UMA VISÃO DIANTE DE UMA GRANDE ARVORE..."



"TENTASTE DESCOBRIR O MISTÉRIO DA MADEIRA", DISSE A ARVORE. "NÃO O APRENDESTES. DECERTO QUE NÃO. O SEGREDO DA MADEIRA SE DESVELA NO FOGO. E SÓ NO FOGO ELE SE DESVELA", E A ARVORE ABRIU SEU LÍTERO VERDE E ÚMIDO, E MOSTROU AO HOMEM SEU SEGREDO.



"ELE SORRIU, COMO SÓ OS CONDENADOS SORRIEM. ELE VIU UM CINTURÃO DE ESTRELAS NO CEU E SE SENTIU MUITO PEQUENO. EXISTIA UMA TRISTEZA EM TODA AQUELA DESOLAÇÃO, E ELE TEVE VONTADE DE CHORAR. PORÉM, CADA LÁGRIMA EVAPORAVA ANTES DE TOCAR AS MACAS DE SEU ROSTO, TRANSFORMADAS EM UM ESTRANHO VAPOR, QUE TRAZIA DENTRO DE SI GULNA E DESESPERANÇA. CONHECER UM MISTÉRIO ERA ESTAR SOLITÁRIO... ELE DEITOU-SE COMO LENHA NA LAREIRA E MORREU."



FOGUEIRA DOS INFERNOS! BABBO, ESSA O SENHOR NUNCA ME CONTOU! O QUE SIGNIFICA?

EU NÃO SEI. SEU BISAVO NUNCA EXPLICOU PARA SEU AVO. E O SEU AVO NUNCA SOUBE EXPLICAR PARA MIM.

A MENSAGEM É MUITO MÍSTICA PARA HOMENS DA CIÊNCIA COMO EU E ELE. HOJE, PORÉM, QUANDO VI AQUELA ESTATUA...

...POR UM MOMENTO PENSEI... NÃO. NÃO SEI O QUE PENSEI...



"...ACHO QUE NÃO PENSEI EM COISA ALGUMA."



Fim?

Homens do Mistério
A Metáfora da Sucessão
 TEXTO: DANTAS
 ARTE: JAGUAR
 E: EMERSON